



Memória, Literatura Negra, e Feminismo Negro: entrevista com a Profa. Doutoranda. Cristiane Mare da Silva

Ana Júlia Pacheco¹

Cristiane Mare da Silva²

Cristiane Mare da Silva graduou-se (2006) em Letras Português - Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e no período seguinte (2007-2009) realizou estudos complementares na área de estudos literários e hispano-americanos na Universidad Nacional de Asunción (UNA) em San Lorenzo – Paraguai. Recentemente tornou-se mestra (2016) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) em História Social, com a defesa da dissertação intitulada “A Poética da Esperança: Sentidos Políticos nas Memórias de Nelson Mandela” na qual buscou identificar as táticas e caminhos discursivos construídos pelo líder sul africano em suas narrativas biográficas e autobiográficas, apreendendo momentos e enunciados orientadores da luta pela igualdade, do exercício da tolerância e a defesa dos direitos humanos defendidos por Mandela. Na mesma instituição, a professora inicia seu doutorado pesquisando sobre experiências de mulheres negras no Brasil contemporâneo entre o período de 1960 e 2015 a fim de compreender as condições que configuraram discursos feministas negros, no ponto de encontro entre as lutas antirracistas e de emancipação feminina.

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (NEAB/UDESC). Contato: anajulia.hp@gmail.com

² Doutoranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (NEAB/UDESC) e do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora – CECAFRO da PUC/SP. Contato: cristiane.mare.silva@gmail.com

Atua como pesquisadora associada no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (NEAB/UDESC) onde exerceu função de professora tutora em cursos de educação a distância para a capacitação de professores/as para a Educação das Relações Étnico Raciais e implementação da Lei 10.639/03³ e no grupo de estudos do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora – CECAFRO da PUC/SP. Na Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) Cristiane Mare da Silva é tradutora (espanhol) da Revista Eletrônica da ABPN.

Entrelaçando seus estudos acadêmicos ao engajamento político e militante na luta antirracista e especialmente na luta pelo fim das mazelas condicionadas as mulheres negras brasileiras, a professora foi uma das fundadoras do “Coletivo Pretas em Desterro” oriundo das articulações do “Comitê impulsor da Marcha de Mulheres Negras de Santa Catarina” onde foi uma das coordenadoras que organizou a presença das mulheres negras catarinenses na nacional “Marcha das Mulheres Negras 2015”. Antes disso, atuou como Secretária de Mulheres da União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO/SC). Como escritora, crítica e poeta, ela mantém em seu blog “Literatura Afrolatina e Diásporas do Atlântico” (<http://caminoscaminantesypasajeros.blogspot.com.br/>) textos de sua autoria sob as temáticas que envolvem o cotidiano, memórias, literatura negra, aspectos da história africana e da diáspora, oralidade, e feminismo negro, diz ela: “Comecei o blog ensimesmada em pensamentos e cotidianos. Agora já outra, busco por mais indagações dessa cultura afrolatina, da qual em rascunho me encontro”⁴.

Na presente entrevista realizada através de web conferência *Hangout*, procuro conhecer um pouco mais da trama que forma o tecido de sua trajetória marcada por sua atuação intelectual e política.

³ Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

⁴ SILVA, Cristiane Mare da. *Literatura Afrolatina e Diásporas do Atlântico*. 2011.

Ana Júlia Pacheco: Professora, sua formação é em letras-espanhol e sua pós-graduação (mestrado) em História Social. Que caminhos levaram a senhora articular estas duas áreas?

Cristiane Mare da Silva: Eu entrei no curso de Letras por conta da Literatura, essa é uma área que me pertence, já que sou escritora, nesse período da minha vida eu já me permitia fazer poesias, ainda que timidamente. Pensar a literatura e o poder da poesia é um ponto essencial para refletir sobre a minha vida, como diria Viola Davis - *A arte me diz, que eu passarei por este mundo em voz alta*. Quem estuda a literatura tem um olhar e um diálogo intenso com a História, pois ambas permitem a compreensão da diferença cultural, uma através da verossimilhança e a segunda em busca da verdade, o que tenho aprendido é que são incontáveis as metáforas que tem dado conta das reconstruções de modos de existências, com maior sensibilidade e impacto, pois a literatura através de suas linguagens nos remete para além do que permite a narrativa historiográfica, que não raras vezes tem nos silenciado. Temos negritado, que nós, intelectuais da diáspora, trabalhamos com a interdisciplinaridade, pois precisamos necessariamente desses diálogos para cavar, desenterrar nossas experiências de vida.

AJP: Como as temáticas em geral que envolvem os estudos africanos e da diáspora, especialmente a literatura negra e afro-latina, passaram a fazer parte do seus estudos?

CMS: A literatura faz parte da minha vida, desde os 9 anos, romances, poesias, contos, foram sem dúvida uma inspiração, um suspiro que me permitiu sair da penumbra. Porém, por conta da violência/educação racial, nunca me oportunizaram literaturas sobre as nossas experiências e cosmovisões de mundo. Lembro que na graduação, o único autor que eu conheci foi o Nicolas Guillén, por que eu sou de Letras – Espanhol, então o Nicolas Guillén é um norteador da literatura cubana, como pensar o Machado de Assis no Brasil. Para você ter ideia o Machado de Assis no período da graduação nós não o trabalhávamos como um escritor negro, até esse momento acreditei, que ele fosse branco. Portanto, o primeiro escritor a me dar esse norte para uma literatura afro-latina foi o Nicolas Guillén, e cresceu essa curiosidade de, bom, temos ele, mas quem são os outros e outras? mas não tinha respostas para isso, e passei a ter um conhecimento mesmo dessa literatura quando eu volto do Paraguai. No Paraguai eu comecei a conhecer narrativas a partir do mundo Guarani, e isso é uma ruptura, pois você sai de uma hegemonia branca e passa a olhar o mundo por um outro sistema de pensamento, que é essa cosmovisão Guarani, ter contato com a cultura Guarani ampliou esse anseio de

perceber que existem outros mundos possíveis. E quando eu volto do Paraguai, e principalmente através do meu companheiro Paulino Cardoso e da proximidade com Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UDESC) é que eu passo a conhecer essas e esses outros escritores, da literatura negra norte americana e brasileira... a literatura afro-latina fui buscando, garimpando, pois o cerco e a invisibilidade em torno das poéticas de populações negras afro-latinas é ainda maior do que comparadas aos autores e autoras norte americanas, por conta da hegemonia da língua inglesa, ademais há uma forte tendência em olharmos para os Estados Unidos e menos na América Latina. Só para negritar, foi a partir do momento que passo a compartilhar de um mundo negro, de uma cultura negra, que eu passo a ter oportunidade de conhecer uma Maria Firmina dos Reis, Nancy Morejón, Chirley Campbell, Cuti, Conceição Evaristo. Essa ausência que existia, e que não era exclusivo do mundo da representação, essa ausência, ela está e estrutura nossas vidas, eu- como todos e todas nós, fui educada para ser uma pessoa branca, educada em nossas escolas brancas, então o que ocorre não é só uma ausência da literatura negra, tinha a ausência de outras possibilidades culturais. Logo, esse período da minha vida foi norteador, descobri intelectuais, ao mesmo tempo que fui jogar búzios, para ensaios de escolas de samba, fui e estou deixando de ser branca... Pois você não deixa de ser aquilo que eles te organizaram, que é sermos pessoas de pele escura do dia para a noite, já que o modo como agimos, é referente ao que essa sociedade branca nos educou/violentou. Então como diria a Toni Morrison, esse lixo nós não somos capazes de retirar todo de uma única vez, com oportunidade e desejo, isso vai se descamando cotidianamente, eu não diria que é um processo acabado, é pra vida toda.

AJP: Em sala de aula, quais as estratégias pensadas pela professora para aproximar a África dos brasileiros especialmente no ensino da disciplina de literatura ministrado em cursos de formação de professores para educação das relações étnico raciais, tendo em vista a implementação da lei 10.639/03.

CMS: Como eu trabalho com a formação de professores, um dos pontos que eu inicio essa reeducação racial, são diálogos a partir dos nossos currículos, e reflexões sobre sentido do espaço escolar. Quando nós compreendemos este espaço, também entendemos que ela não vai dar conta de discutir as relações de gênero, relações de classe e raciais, por que essa escola, tem uma hegemonia, essa hegemonia é branca e patriarcal. Ela irá potencializar o racismo e os valores que são de uma elite com ranços escravocratas e não de uma classe trabalhadora. Vamos parar para pensar no teu espaço escolar... você conseguiu ter discussões que você

sáísse dali pensando, olha, eu tenho uma classe e minha classe é das classes trabalhadoras? Alguma vez foi possível na sua escola?

AJP: Não, nunca.

CMS: Não, ou seja, na minha também não, e na escola atual tampouco. Tanto assim, que quando nós temos esses estudantes secundaristas em que eles saem em defesa da sua escola. Isso é em si uma contravenção que a gente olha e diz assim, uau... a gente tem rumo! São por todos esses motivos que precisamos discutir os currículos e principalmente a branquitude. Por que o problema não é nosso. Geralmente, parece que quem estuda as relações raciais, estuda as relações do negro, e o opressor é o ser ausente em toda a discussão. A EREER veio para desmontar esse pensamento, não há como você propor “agora vamos discutir EREER”, “agora vamos trabalhar com capoeira”, isso não é EREER! Por que? Porque você precisa discutir o currículo, você precisa se rediscutir enquanto profissional, e ele é essencial e uma ferramenta poderosa da educação, pra você discutir o currículo não tem como fazer isso se você não discute a branquitude, e hoje o que nós concluimos é que a EREER, ela não avança por que é uma disputa de poder e essa disputa de poder, tem a ver com essa hegemonia cultural. Então, enquanto essa população branca e seu sistema de mundo, estiver nos controles das secretarias de educação, nos currículos das universidades, nós sabemos que nós não avançaremos, mais do que temos conseguido. Como entra a literatura nisso tudo? **A literatura é uma ferramenta potencializadora, pois permite representar aqueles, cuja história lhes disse, que não existiam, ela rompe com a ideia de não existência, a linguagem artística, nos apresenta meios para repensarmos essa reeducação racial** (grifo das autoras). Podemos incorporar a literatura e outras linguagens poéticas, dentro das nossas várias disciplinas... pois, essas linguagens ancoram as memórias e vidas de nossos antepassados, ademais nos permite pensar a discussão sobre interdisciplinaridade.

AJP: Relacionando um pouco a experiência da África do Sul, o que lhe atraiu pesquisar as representações de Nelson Mandela? Poderia narrar um pouco sobre sua pesquisa de mestrado e as considerações obtidas através do estudo das biografias e autobiografias do líder sul africano?

CMS: Eu me interesso por tudo aquilo que me negaram durante 25 anos da minha vida, conhecer a história do continente africano e dos povos em diáspora é se reconhecer em muitos matizes, ademais a memória é uma eterna resistência. Desse modo, passei dois anos

estudando a África do Sul e em especial Nelson Mandela, a [dissertação] foi crucial a compreensão de como a política racial se organiza, através de uma estrutura jurídica, aquilo que Achille Mbembe diz, ela é o controle do modo de governo, das religiões e da produção de conhecimento, a raça ela vai perpassar isso tudo. E com esses dois anos de estudos, acredito que consegui compreender isso um pouco melhor, aprendi muito com Mandela e com a filosofia base pra seu governo, chamada Ubuntu, é uma experiência de vida, que todos nós deveríamos ter a oportunidade de conhecermos, imaginar que são 27 anos encarcerado e outros tantos exilado dentro da sua própria terra. Então, quando você consegue olhar para essas experiências africanas e diaspóricas, de pessoas como Mandela, Winnie, Angela Davis, Maria Firmina dos Reis e tantas outras e trazê-las para o nosso cotidiano, nos fortalecemos através de suas memórias e conhecimento, as vejo como heranças, das quais precisamos incorporar para seguir avante. Os estudos me permitiram perceber a necessidade de irmos além, transpor as heranças que a tradição do pensamento e ação negra, nos permitiu até o momento. Pois se as revisões bibliográficas não nos cansam de dizer o que é o Ocidente e o que persiste nele capaz de lhe conferir universalidade, serão em outras margens, nas dos Condenados da Terra, que encontraremos caminhos para a extorsão e desumanização, frutos de nossa modernidade/colonialidade.

AJP: Aproveitando esse diálogo com a Marcha das Mulheres Negras 2015, nós sabemos que ela foi um marco importante e simbólico na história da luta das mulheres negras brasileiras pelo fim do racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia e outras formas de discriminação. Como foi a experiência de articulação do estado de Santa Catarina para a realização deste evento? E quais foram as expectativas e articulações pós-marcha?

CMS: Para o estado de Santa Catarina quando nós conversávamos com outros militantes históricos, como a profa. Jeruse Romão e o prof. Paulino Cardoso... nos dizem que algo foi incrível na marcha foi a organização em conjunto de várias entidades do Movimento Negro, inúmeras entidades que começaram a pensar pautas em conjunto, pois trabalhamos contra as desigualdades raciais, mas nem sempre compomos em outras esferas políticas, pois esses sujeitos negros não são iguais, mas compreendem que há uma luta que os agregam, que é a luta contra a violência racial. Então, quando conseguimos propor para várias entidades do movimento negro trabalharem compondo comitês, isso foi muito importante para todas nós. Essa ideia que nós tínhamos, Comitês Impulsores de Santa Catarina e que cada município tinha as suas lideranças, e as regiões iam compondo núcleos desse comitê, foram super importantes. Quem mora em Florianópolis sabe, que o que fazemos repercute para todo o

estado, mas nem sempre o empenho das entidades do interior reflete na capital catarinense, , então quando a gente passa a viajar para os diversos municípios e vai conhecer o trabalho de gente como a profa. Eliana em Siderópolis, como a Sandra, você vai para Joinville conhecer a Ana do grupo Ashanti, em Tubarão a Dinha, e sem contar esse próprio intercâmbio de relações, por que em Florianópolis nós tínhamos um núcleo que era um núcleo de mulheres jovens, majoritariamente de mulheres jovens e universitárias, e nos municípios você vai encontrar mulheres que estão na casa dos seus cinquenta anos, tem em média 15 ou 20 anos de militância, então ocorreu também um intercâmbio de gerações e de esperanças.

O que a Macha também revelou alguns desconfortos, você está falando de alguns movimentos negros que são majoritariamente organizados por mulheres aqui em Santa Catarina, e que esses desconfortos, se relacionam com nosso companheiros que apontam comportamentos machistas, como é que nós vamos trazer essas discussões e como vamos discutir com eles, e ao mesmo tempo, esse processo permitiu o fortalecimento das mulheres negras, então são discussões que vão desde a estética ao genocídio da juventude negra. Lembrando, que são de homens e mulheres, por que de um lado você tem os meninos negros e todos os dados sobre este genocídio, do outro lado, quando você fala dessa violência que é do feminicídio, o retrato são as mulheres negras, e o que ocorre? Essa coisas todas elas estavam pipocando, então a Marcha ela deu muito certo não é por que ela pleiteou pautas pra essas mulheres negras, essas pautas já existiam em nossas vidas, tanto que você tem essas entidades, que são e entidades nacionais, mas nós sabemos igualmente, que mais do que as entidades nacionais, a marcha de mulheres ela deu certo por que mulheres de diversas classes sociais, de diversas culturas e orientações sexuais, estavam avidas por esse momento de fortalecimento, para falar de si e se colocar no centro. Ao mesmo tempo, eu acho que também condensou umas oportunidades que as ações afirmativas nos possibilitaram, então você ter mulheres desde empregadas domésticas a doutoras, como é o meu caso, uma mulher que foi empregada doméstica até os dezenove anos de idade e que por questões de oportunidade, o que me diferencia de milhões de outras empregadas domésticas-Oportunidade. Eu fui educada para ser empregada doméstica, fui empregada doméstica até os dezenove anos de idade e hoje posso ir para o doutorado, resultados de um projeto de país, que está em risco... Então eu percebo assim que essas coisas todas elas estavam soltas e que a gente conseguiu canalizar elas, e referente a ao pós marcha acho que para o estado as duas coisas mais importantes que surgiram foi de um lado, passamos a ter um coletivo de mulheres negras, é um coletivo novo que nós estamos vendo ainda qual será formato, qual é a cara que nós queremos dar para esse coletivo, já temos alguns traços, ter uma organização, um grupo de mulheres que possam pensar políticas,

pensar o seu cotidiano a partir de temas que lhe são importantes e pensa-los como estruturas em diálogo com a interseccionalidade que é trabalhar classe, gênero e raça. Hoje nacionalmente vivemos um estado em exceção, ativistas e militantes também percebemos a necessidade dessas várias entidades que foram compondo a marcha de mulheres negras, estejam articuladas no sentido de que há algo muito importante que surgiu com a marcha de mulheres que é a canalização, a potência já existia, essa força sempre existiu, mas isso foi canalizado. Temos ferramentas pra que essa energia toda não se perca só ali naquele momento, naquele evento, que é a marcha de mulheres, então de que modo que a gente consegue continuar os diálogos, por exemplo, pensar o diálogo em Santa Catarina como é que nós fomos conseguindo, continuar esse diálogo com os outros municípios, o que elas organizaram foram redes e consórcios para continuar essas articulações. Aqui no estado de Santa Catarina a muito tempo temos a pretensão de termos uma rede de mulheres negras, que vem desde a Marcha das Mulheres, por que quando você passa a ter mulheres de diversos movimentos que estão articuladas que na dúvida conseguem conversar umas com as outras seja através de suas experiências exitosas como também de suas dificuldades e compartilhar e ter trocas, essa rede portanto ela já existe, o que nós estamos vivendo, como é que a gente consegue ir dando uma estrutura, um corpo maior para isso, principalmente assim, no estado quando você pensa em mulheres negras, ou discutir políticas para mulheres negras, que não se discuta por nós mas conosco mulheres negras, então o que a gente deseja é ser um player, que não exista discussões para mulheres em que nós não estejamos. O que eu percebo é a proposta da Marcha de Mulheres Negras das nossas posições nos conselhos, por exemplo a União de Negros pela Igualdade – UNEGRO/SC, ela hoje está no conselho de Florianópolis e Palhoça e também passará a fazer a parte do conselho de São José (este é um anseio), então esse lugar de estar no conselhos, participar de congressos era uma das pautas da Marcha...

AJP: Sim... com certeza, aqui no município [Siderópolis] está bem diferente, assim, eu vejo que aqui existe uma luta aqui antes e pós Marcha, que é muito interessante, as articulações estão diferentes, e foi mesmo bem potencializador e canalizador por que tem um diálogo maior entre os municípios, entre as ativistas...

CMS: E aí veio o ano de 2015, mas principalmente 2016 não foi fácil para ninguém, a luta para a manutenção de um governo democrático, foi um momento muito conturbado, mas principalmente quando a gente pensa referente ao momento histórico e atual que nós vivemos, há uma necessidade de você voltar a ter uma articulação maior ainda entre os municípios,

revitalizar, o que a gente percebeu com a marcha de mulheres e algo que ficou muito negritado para a gente é a Resistência, trabalhar junto, conscientizar e resistir, é uma conscientização do momento em que nós vivemos, pois quando pensamos na precarização do estado e de tudo o que garante o estado mínimo, com políticas públicas voltadas para as populações mais fragilizadas, quando nós compreendemos que nossa população perderá o que lhe assegurou nossa pequena distribuição de renda, através do minha casa minha vida, bolsa família, juros baixos, ou seja, as famílias que mais irão sentir e que já estão sentindo, é a população negra. O dever do movimento de mulheres ou os movimentos negros de modo geral, é voltarmos a ter esse espelho, no sentido que essa população consiga vislumbrar nesses ativistas um lugar de projeção e fortalecimento, então quando você fala que em Siderópolis mudou com o pós marcha, nós do movimento negro temos que saber dizer: como a minha atuação como ativista, como a minha entidade consegue mudar efetivamente a vida das pessoas negras, isso a gente tem que ser capaz de fazer. Eu gostaria de estar pontuando como o Brasil tem a aprender com as experiências de mulheres negras... O feminismo negro como um projeto político, como já apontava Angela Davis. Mas quando nos marchamos nós estávamos propondo também um outro modelo político que é esse bem viver, Ubuntu, e o que ocorre? É possível você pensar esse bem viver, esse Ubuntu, dentro desse mundo, dentro desse modelo que nós vivemos, não é, essas coisas que nos propomos elas só são capazes dentro de um estado de revolução. Para potencializar, quando nós marchamos e parte desse dialogo de lutas dessas mulheres que vão trabalhar com o feminismo negro, que compreenderam esse lugar da marcha de mulheres que não é uma marcha que ela se acaba, ela é contínua, tem a ver com esse projeto político pelo qual nossa população luta, um novo projeto político, e referente a esse novo projeto político e não estou falando de vislumbrar lideranças feministas negras, mas essa potência existe nas mulheres negras que foram capazes... a Cristiane Mare é uma mulher que se tornou conhecida em Santa Catarina por causa da marcha? Sim, e daí? Tem tantas mulheres que são anônimas, mas que através desse anonimato fizeram com que o impossível se tornasse real, 55 mil mulheres estavam na capital brasileira, isso seria possível apenas com dezenas de mulheres conhecidas? Não! Ou seja, a luta dessas mulheres anônimas em seu cotidiano tem uma potência incrível, da qual precisamos falar mais sobre ela.

